



# O Conde d'Abranhos

– Notas biográficas de Z. Zagalo –

*seguido de*

## A Catástrofe



LIVROS DO BRASIL

## À EX.<sup>MA</sup> SR.<sup>A</sup> CONDESSA D'ABRANHOS

Minha Senhora:

Tive, durante quinze anos, a honra tão invejada de ser o secretário particular de seu Ex.<sup>mo</sup> Marido, Alípio Severo Abranhos, Conde d'Abranhos, e consumo-me, desde o dia da sua morte, no desejo de glorificar a memória deste varão eminente, Orador, Publicista, Estadista, Legislador e Filósofo.

V. Ex.<sup>a</sup>, Sr.<sup>a</sup> Condessa, ergue-lhe neste momento, no cemitério dos Prazeres, um mausoléu comemorativo, onde o cinzel do escultor Craveiro faz reviver a nobre figura do Conde.

Respeitosamente me arrojto, Sr.<sup>a</sup> Condessa, a imitar o piedoso acto de V. Ex.<sup>a</sup>, e neste livro — como o artista esculpiu no mármore o seu invólucro físico — eu pretendo reconstituir o seu ser moral. A estátua é assim completada pela biografia: na pedra, as gerações contemporâneas poderão contemplar a grandeza da sua atitude e a expressão do seu rosto; no livro, admirar-lhe-ão a elevação do espírito e a rectidão da alma.

E quem melhor do que eu poderia tornar conhecido este português histórico — eu, a quem ele fez a confidência das suas crenças, da sua filosofia tão profundamente religiosa, da sua alta ambição, do seu puro amor da Pátria, da sua vasta ciência política? Eu, que tenho presente a sua correspondência — cuidadosamente arquivada no copiadador —, os seus manuscritos, os rascunhos dos seus discursos, naquela letra larga e ampla que apresentava

similitude com a sua alma; eu, que tive o piedoso cuidado, durante quinze anos, de recolher as menores palavras que saíam dos seus lábios — ai! que a anemia ia adelgçando tão cruelmente — e, apenas entrava no meu quarto andar da Rua do Carvalho — ninho doméstico que a sua generosidade me permitiu adquirir —, escrevia as conversas que, à hora do chá, ou mais tarde no seu escritório, me enlevavam de admiração.

Eu fui a testemunha da sua vida. Outros o viram em S. Bento, nas Secretarias, no Paço, no Grémio — mas só eu o vi, perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup>, Sr.<sup>a</sup> Condessa, a familiar expressão, em chinelos e de *robe-de-chambre*.

Todos conhecem o grande homem. Eu conheço o homem. Eu — e V. Ex.<sup>a</sup>, de quem ele me dizia, pouco antes de morrer, no momento em que lhe dava a colher de bromureto de potássio: «Zagalo amigo, ao fim da experiência de oito anos de casamento, a Lulu (porque, nos momentos de expansão comigo, era este o nome que ele lhe dava, Sr.<sup>a</sup> Condessa — pois que, ordinariamente, aos inferiores dizia a Condessa, e aos seus iguais, a D. Catarina) —, a Lulu, amigo Zagalo, tem sido mais que uma esposa, tem sido “um bálsamo”.» Referia-se o ilustre marido de V. Ex.<sup>a</sup> às circunstâncias dolorosas do seu primeiro casamento, a que ele se costumava referir, chamando-lhe «uma chaga».

Tais são os motivos, Sr.<sup>a</sup> Condessa — o desejo de lhe erguer um monumento espiritual e o meu conhecimento íntimo da sua vida —, que me levam, depois de demorada reflexão, a escrever esta biografia do Conde d’Abranhos.

Eu conheço — ainda que as minhas tentativas literárias tenham recebido do país um acolhimento remunerador — que me escasseiam as qualidades de Estilo e de Crítica, para escrever a história complexa deste grande homem: seria necessário, para bem o pintar, um Plutarco, ou, nos tempos mais modernos, um Victor

Cousin (que ele tanto admirava), ou ainda, contemporaneamente, um Herculano, um Rebelo, um Castilho — um desses astros que se destacam no céu da nossa Pátria, com uma luz de serenidade eterna. Eu sei, além disso, não serem necessárias apoteoses biográficas para que o país reconheça o homem que perdeu no Conde d'Abranhos. A dor de toda a Lisboa devia ser bem grata à sua alma. Sim, Sr.<sup>a</sup> Condessa, devia ser bem grato ao seu espírito imortal, já arrebatado à serenidade dos eleitos, ver, cá em baixo, nesta Capital que ele amava, nestas ruas que ele tão bem conhecia, a imponente cerimónia do seu préstito fúnebre: o camarista que representava S. M. El-Rei; o Presidente do Conselho que, apesar da firmeza da sua vontade de ferro, não podia conter as lágrimas que lhe humedeciam as pálpebras; a deputação dos meninos do Asilo de S. Cristóvão, por quem ele tomava um interesse tão delicado e a quem chamava, com aquela graça que nas horas felizes era o encanto da sua conversa, «os meus pintainhos»; a deputação das duas casas do Parlamento, levando à frente o orador da maioria, o poeta maravilhoso dos «Sonhos e Enleios», que me disse estas palavras memoráveis que ficarão na História: «Vimos em nome da Viúva ... » E como eu lhe perguntava, admirado: «Em nome da Sr.<sup>a</sup> Condessa?» «Não», respondeu o poeta, «em nome da Tribuna, viúva do Génio!» E enfim, fechando o préstito, vinte carruagens particulares, vinte e cinco da companhia e algumas de praça — entre as quais notei com admiração alguns operários da Sociedade «Probidade Cristã», que ele tanto ajudara a formar, e que vinham pagar um tributo derradeiro ao homem que, mais que nenhum em Portugal, amou, protegeu e educou o operário! Ali vinham, quatro numa tipóia, nos seus casacos dos domingos, as lágrimas nos olhos, a fé no peito, levar com saudade à sepultura aquele que um dia exclamara na Câmara dos Deputados (sessão de 15 de Agosto, «Diário do Governo» n.º 2758): «Não podemos dar ao operário

o pão na terra, mas, obrigando-o a cultivar a fé, preparamos-lhe no Céu banquetes de Luz e de Bem-aventurança!»

E quem negará aí que não seja esta a verdadeira maneira de promover a felicidade das classes trabalhadoras?

Mas não foram estas as únicas demonstrações de luto social. A Imprensa — a que ele se orgulhava de pertencer, e a que chamava, com tanta elevação, o «porta-voz do progresso» — dedicou-lhe páginas que, pela unanimidade do sentimento, e até, se me é permitido descer a estes detalhes, o tipo grande dos artigos, entre tarjas negras, lembravam os funerais de um Rei.

As musas mesmo o choraram, e quem esquecerá essa jóia da poesia portuguesa, que dedicou à sua morte o nosso grande lírico, o autor melodioso dos «Cânticos e Suspiros»? Ah! Sr.<sup>a</sup> Condessa, recitemos ambos, na nossa dor comum, esta estrofe, digna dos Hugos, dos Passos e dos Leais:

*Teu corpo desce à terra escura e fria...  
Terra de Portugal. Treva sombria  
Te cobre e te devora!  
Mas não perecerá teu génio altivo,  
E surges para a História redivivo  
Como da Noite a Aurora...*

A música mesmo (para que todas as Artes se reunissem no coro de prantos) lá lhe vai dar o seu tributo, nessa inspirada composição — «A Civilização» —, valsa dedicada à memória do ilustre Conde d'Abranhos, pelo padre Abílio Figueira!

Era tempo, pois, Sr.<sup>a</sup> Condessa, que eu, que nessa grande explosão de dor me conservei taciturno e retraído (devendo dizer-se que o severo ataque de fígado que então me prostrou, resultante das longas noites de vigília à cabeceira do grande enfermo, me

forçou a um silêncio involuntário) — viesse enfim depor sobre o seu túmulo esta memória humilde.

A Ele, Sr.<sup>a</sup> Condessa, devo tudo. O pão do corpo e o pão da alma me deu ele com generosidade larga e fidalga. Nunca o esquecerei. Por vezes, quando me via (sobretudo depois da bronquite de que padeci no Inverno de 1870) um pouco pálido ou debilitado, ele próprio ia ao armário do seu escritório e por sua mão me servia de um, às vezes dois cálices de vinho do Porto de 1815. Nos dias em que tinha gente a jantar, nunca se esquecia de mandar guardar alguma sobremesa para eu levar a meus filhos, que lhe devem, além desta lembrança mimosa, a educação sólida e cristã de que gozam e que os habilitará, espero, a entrar um dia, com justo mérito, nas Repartições do Estado.

Mas, Sr.<sup>a</sup> Condessa — eu sou feliz em o poder dizer bem alto —, o que acima de tudo devo ao Conde d'Abranhos é ter-me ele refeito um ser moral. Eu, que na mocidade, sob a influência perniciosa de leituras inconvenientes e de camaradagens fúteis, partilhava as ideias que a sociedade condena, fui transformado pelo seu exemplo, pelos seus conselhos, pela sua eloquência e pela sua protecção. Sim, Sr.<sup>a</sup> Condessa, seu ilustre marido encontrou-me pobre, e portanto repastando-me de leituras perniciosamente democráticas, e acompanhando com moços de talento, é certo, mas inteiramente devorados pelos estragos de uma filosofia materialista e de uma sociologia anárquica; empregando-me como seu secretário particular, com um ordenado suficiente às necessidades de minha família (eu casara então com a minha angélica Madalena), o Conde d'Abranhos deu-me os meios materiais de me tornar um conservador convicto, um defensor ferrenho das instituições, um amigo da ordem. Pondo-me ao abrigo da pobreza, digo-o bem alto, pôs-me ao abrigo da depravação intelectual, moral e social.

E de V. Ex.<sup>a</sup>, Sr.<sup>a</sup> Condessa, que direi, que o não tenham dito na terra os pobres de que V. Ex.<sup>a</sup> cura os males e afasta a necessidade, e no Céu, os anjos de quem V. Ex.<sup>a</sup> é seguramente predilecta — e decerto futura companheira? Permita-me pois, Sr.<sup>a</sup> Condessa, que ponha aos pés de V. Ex.<sup>a</sup> este trabalho, no qual consignei a primeira fase da carreira admirável do Conde d'Abranhos, essa ascensão vertiginosa às culminâncias do poder, de modesto filho de Penafiel a ministro illustre, e onde deixei o que na minha alma existe de melhor, de mais nobre, de mais duradouro — a minha respeitosa admiração pela grande figura do Conde d'Abranhos.

Sou de V. Ex.<sup>a</sup>

O mais humilde criado

Z. Z.

Ex-secretário do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde d'Abranhos,  
sócio honorário  
do Grémio Recreativo do Rio Grande do Sul.  
108 — Rua do Carvalho  
Lisboa — 1.º de Janeiro de 1879.

# O CONDE D'ABRANHOS

Alípio Severo Abranhos nasceu no ano de 1826, em Penafiel, no dia de Natal.

A Providência, por um símbolo sutil e engenhoso, fez nascer no dia sagrado em que nasceu Jesus de Nazaré aquele que em Portugal devia ser o mais forte pilar e o procurador mais eloquente da Igreja, dos seus interesses e do seu reino.

Muitas vezes o Conde se comprazia em contar que, nessa noite de 24 de Dezembro de 1826, Inverno que ficou na história pelas grandes neves que caíram, seus pais — segundo a tradição venerada na família — tinham armado um presépio, como era costume nesses tempos em que a boa fé portuguesa amava a piedosa devoção dos altares íntimos. Ao centro do presépio, florido de muita verdura, entre os animais da narração evangélica, o Menino Jesus sorria, nos braços de uma Virgem, obra delicadamente trabalhada por Antão Serrano, o grande santeiro de Amarante. Em torno, ardiavam as velas de cera; na cozinha, cantavam nas frigideiras os rojões da ceia; o lume de lenha húmida estalava jovialmente, e fora, na neve que caía, os sinos repicavam para a missa do Galo — quando a mãe do Conde, subitamente

*Sentiu o tenro ser...*

como diz o nosso grande lírico no seu poema, *A Mãe*.

O parto foi singularmente feliz, e, aludindo a esta circunstância, o Conde muitas vezes me dizia que, segundo o seu velho amigo Dr. Flores, a facilidade em nascer era o indício misterioso de um destino fácil e de imprevistas fortunas. Todos os homens providenciais — Napoleão I, o nosso Santo Papa Pio IX, o grande estadista Fonseca Magalhães — nasceram, como dizia o Conde com chiste, «com uma perna às costas!» A fortuna começa-lhes no ventre materno: a porta da vida abre-se-lhes a dois batentes, mostrando-lhes uma sequência de épocas gloriosas, como salões festivos. Outros têm de arrombar com dor essa mesma porta, saindo para um destino escuro como uma estrada de Inverno. Providenciais antíteses da Sorte!

E o parto da mãe do Conde foi tão feliz, que, meia hora depois das primeiras dores, o pequeno Alípio foi trazido triunfantemente para a sala. A comadre sentara-se casualmente diante do presépio, e os dois meninos — o que havia de ser um homem e o que fora um Deus — sorriam-se à claridade das velas festivas do Natal, ambos nuzinhos, ambos ao colo, enquanto de fora, lançados vivamente, vinham os repiques do sino, através dos flocos de neve!

Tocante quadro; e poucos conheço — se atendermos à glória do Conde d'Abranhos — que mais mereçam ser lançados na tela ou esculpídos no mármore.

Os pais do Conde, é geralmente sabido, eram pobres. Mas a origem da sua família não só é plebeia — como afectavam supor os seus adversários de ideias —, mas, bem estudada, revela uma origem tão nobre como a das melhores casas do norte de Portugal.

Os Abranhos são originários de Amarante e aliados, pelas mulheres, à ilustre casa de Noronha. Em 1758, D. Jacinta Ana de Sobral Vieira Alcoforado e Noronha, viúva do capitão-mor Teles Azurara, senhora já avançada em anos, mas ainda de aspecto imponente, casara com Manuel Abranhos, que, pelas suas formas

atléticas e beleza viril, era chamado o *Apolo de Amarante*. Manuel Abranhos não era decerto um fidalgo, mas é inteiramente inexacto o dizer-se, como se imprimiu na *Revolução de Setembro*, então na oposição, que era um carniceiro: estas insinuações pérfidas desonram as grandes lutas intelectuais da política!

D. Jacinta Ana concebera por ele uma dessas paixões, como aquelas que a poesia tem celebrado, e, apesar da renitência dos parentes — que faz lembrar a dos Capuletos, pai e irmão da doce Julieta (tanto as famílias históricas se assemelham nos grandes sentimentos que as agitam) —, D. Jacinta apoderou-se do belo Abranhos, e o casamento foi celebrado (recordo-o a título de curiosidade histórica) pelo padre Vicente Tardinho, reitor de Varzelhe, que depois tanto se celebrizou num processo retumbante. Já então, digamo-lo de passagem, sob a influência dessa vaga aragem revolucionária que soprava de França, tinha principiado esta longa perseguição ao clero, que um dia devia tomar proporções que de certo modo lembram as perseguições de Diocleciano.

O casamento, escrevo-o com dor, não foi feliz. Não possuo os documentos necessários para decidir a quem pertence a responsabilidade das desinteligências crescentes, mas é certo que o belo Apolo, que, como dizia com um chiste adorável o Conde, «frequentava muito o seu colega Baco», espancava tão imprevisivelmente D. Jacinta, que obrigou muita vez esta dama a refugiar-se em casa dos seus parentes, levando apenas sob as suas formas, que tinham conservado uma grande majestade aristocrática, um saio de flanela! Apesar, porém, destas violências, a paixão de D. Jacinta, que eu respeitosa e comparo à mulher de Putífar ou às Fedras da lenda antiga, trazia-a de novo, submissa e amorosa, à casa comum e ao leito conjugal, até que um dia (e aqui textualmente copio uma carta, existente no arquivo da família e escrita por Segismundo de Noronha, irmão da dama espancada): «... a sova

foi tão forte, que vimos a mana Jacinta entrar-nos pelo portão da casa em camisa e tendo nos ombros nódoas tão roxas e dilatadas, que o padre Simões, o nosso bom capelão, as comparou, com o devido respeito, às nódoas roxas nos ombros do Redentor depois de 12 horas de Via Dolorosa.»

A família Noronha exigiu uma reparação. D. Jacinta veio viver com seus irmãos e cinco meses depois deu à luz um menino, que, por se julgar que não sobreviveria, foi à pressa baptizado pelo capelão Simões, com o nome poético de Florido. Sobreviveu, porém, felizmente. E aqui encontro um facto que, por respeito às duas famílias Abranhos e Noronhas, não cerco de comentários; é ele igualmente justificável e condenável. Biógrafos irreverentes e temerários poderiam talvez emitir uma opinião nítida, cortante, definitiva: eu abstenho-me, e assim deve fazer todo o historiador honesto, sempre que se trate de factos em que duas famílias, ambas ilustres, ambas históricas, tenham um conflito de interesses: a ordem social repousa nestas respeitosas reticências.

O facto é este na sua nudez histórica: o menino Floridozinho foi lançado à roda.

Um irmão, porém — e aqui dou amplamente saída ao meu desejo de glorificar os Abranhos —, um irmão, porém, de Apolo (que Apolo a esse tempo desaparecera de Amarante) reclamou Florido, adoptou-o, educou-o e foi recompensado desta nobre dedicação, porque Florido Abranhos foi um espelho de virtudes e uma flor de honradez. É talvez aqui a ocasião de destruir outro erro que tende a introduzir-se na História: o irmão de Apolo, tio de Florido, sem estar decerto numa alta situação social, não era todavia, como perfidamente insinuou em tempos a *Gazeta de Portugal*, um padeiro. Como dizia o Conde com grande elevação moral, estas pesquisas miúdas, mesquinhas, na intimidade familiar de um homem de Estado, são singularmente odiosas.